

Tiziano Cirillo

Foi docente de Geologia no âmbito do primeiro programa de cooperação entre a Universidade Eduardo Mondlane e a Universidade de Roma nos anos 1970. Trabalhou como Perito júnior no âmbito do programa de Assistência Técnica ao Ministério da Indústria de Moçambique. De 1982 a 1984 trabalhou como estagiário no Instituto de Astrofísica Espacial (IAS) do Conselho Nacional de Investigação da Itália. De Abril de 1989 a Agosto de 1996 trabalhou como perito na Direcção Geral da Cooperação para o Desenvolvimento do Ministério Italiano dos Negócios Estrangeiros, onde foi responsável pela cooperação com os Países Lusófonos e Francófonos da África Austral. Neste âmbito, participou na elaboração do programa italiano de apoio ao processo de paz em Angola e, sucessivamente, na organização da Conferência de Paz para Moçambique, em Roma (1992).

Maputo, 12 de Agosto de 2022

P: Temos algumas questões para colocar, com base na biografia que nos mandou acerca de si e a primeira questão teria a ver com os primeiros moçambicanos com quem teve contactos na Itália, já que em 1977 terminou a sua licenciatura na Universidade *La Sapienza*. Quem foram os seus primeiros contactos de Moçambique que conheceu na Itália?

TC: Até 1977 não tive contacto directo com moçambicanos na Itália, porém conhecia muito bem a questão da luta pela independência das colónias portuguesas, porque era um dos tópicos mais quentes da minha geração. Eu na época era secretário da secção do Partido Comunista no Instituto de Geologia, onde estive a trabalhar e tinha já tido uma militância de esquerda a partir de 1970. Portanto, conhecia muito bem tudo aquilo que se referia à luta anticolonial das antigas colónias portuguesas e de outros territórios de África que estavam lutando pela independência, desde jovem. Tinha conhecimento político e fazia parte da minha bagagem ideal, acompanhar e apoiar a luta pela independência dos povos ainda escravizados pelo colonialismo.

P: Como secretário do Partido Comunista, teria alguma coisa a referir acerca, por exemplo, da Conferência de Roma de 1970 ou da Conferência de Reggio Emilia de 1973?

TC: Como disse, em 1977 era simplesmente secretário da célula do Partido Comunista no meu Instituto, mas em 1970, militava na Federação Juvenil Comunista Italiana (FJCI) na secção de Roma EUR que era, exactamente, o bairro onde se realizou, no Palácio dos Congressos, em 1970, a Conferência de Solidariedade com os movimentos de independência das colónias portuguesas. Aquilo foi a obra-mestra, de facto, de

Óscar Monteiro¹ que trabalhou nesta conferência, obviamente, como representante da FRELIMO na Europa Meridional. Conseguiu reunir, pela primeira vez, representantes políticos de todo o arco constitucional, portanto, a Democracia Cristã, o Partido Socialista, o Partido Comunista, levando até figuras de alto-relevo político a essa conferência, como Ferruccio Parri², como Giancarlo Pajetta³. Falamos daqueles que foram os constituintes no Comité Nacional de Libertação na Itália durante a luta contra a ocupação alemã. A Itália constituiu um órgão de coordenação política que se chamava Comité Nacional de Libertação e em 1970 ainda estavam vivos os principais representantes desse órgão que reuniam representantes de partidos que na época se encontravam no Governo e na oposição e isso foi a característica fundamental do engajamento político italiano em relação a Moçambique e também a Angola. O facto de reunir forças de diferente visão política – sentavam-se em lugares políticos opostos – não obstava que se encontrassem unidos no apoio aos povos que estavam lutando contra o colonialismo.

A originalidade da conferência estava nisso e, de facto, no âmbito desta conferência o Papa Paulo VI concedeu uma audiência histórica aos representantes dos três movimentos de libertação que presenciaram essa conferência que eram Amílcar Cabral⁴, Marcelino dos Santos⁵ e Agostinho Neto⁶.

Foram recebidos no Vaticano e foi um sucesso glamoroso. Foi um momento que, de facto, o mundo ficou a conhecer a existência desses movimentos de libertação, porque o *main streaming* abafava, de facto, mesmo as notícias sobre a consistência das lutas de libertação em África. O facto de terem sido acolhidos pelo Papa permitiu uma reviravolta internacional total no posicionamento dos movimentos de libertação.

P: Qual foi o seu primeiro contacto com Moçambique? Quando? Em que circunstâncias?

¹ **José Óscar Monteiro** (Maputo, 1941) – Advogado, veterano da luta armada da Frelimo, foi representante da Frelimo na Argélia, participou nas negociações secretas com o Governo Português que conduziram ao Acordo de Lusaka e foi Ministro no Governo de Transição e no primeiro Governo de Moçambique Independente.

² **Ferruccio Parri** (Pinerolo, 19 de Janeiro de 1890 - Roma, 8 de Dezembro de 1981) foi um político antifascista italiano. Durante a Resistência era conhecido como Maurizio. Foi um líder partidário durante a Guerra da Libertação Italiana, premiado com a Medalha de Bronze. Ele foi o primeiro primeiro-ministro a liderar um governo de unidade nacional estabelecido no final da Segunda Guerra Mundial.

³ **Giancarlo Pajetta** (Turim, 24 de Junho de 1911 – Roma, 13 de Setembro de 1990) foi um político comunista italiano. Tornou-se militante do PCI (Partido Comunista Italiano) durante a juventude. Preso em 1927, parte para o exílio na França, em 1931, tornando-se representante italiano da Internacional Comunista. Regressado secretamente a Itália é de novo preso, desta vez condenado a 21 anos de prisão, pelo regime fascista. Com a queda do fascismo em 1943, entra para a “Brigada Garibaldi”, da resistência antifascista. Em 1944 foi indicado como um dos presidentes do triunvirato do Comité de Libertação Nacional e chefe do estado-maior das forças armadas da resistência. Membro do Secretariado Nacional do PCI, de 1948 a 1985, com a responsabilidade pelas relações internacionais. Eleito para o parlamento italiano de 1946 até à sua morte e pelo parlamento europeu, em 1984. Director do jornal “L’Unità”, órgão central do PCI e do periódico marxista “Rinascita”. Membro da corrente “migliorista” juntamente com Giorgio Amendola e Giorgio Napolitano, muitas vezes em contraste com a linha do líder do partido. Opôs-se ao projecto de Achille Occhetto de transformar o PCI numa força social – democrata. Pajetta faleceu repentinamente, em casa, em Roma, em Setembro de 1990, antes da dissolução do PCI. As cerimónias fúnebres foram seguidas por 200.000 pessoas

⁴ **Amílcar Lopes Cabral** (Bafatá, Guiné-Bissau, 12 de Setembro de 1924 — Conacri, 20 de Janeiro de 1973) foi um político, agrónomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, presidente e fundador do PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Em 20 de Janeiro de 1973, Amílcar Cabral é assassinado em Conacri.

⁵ **Marcelino dos Santos** (Lumbo, 20 de Maio de 1929) é um político e poeta moçambicano. Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique, onde chegou a vice-presidente. Depois da independência de Moçambique, é o primeiro ministro da Planificação e Desenvolvimento, cargo que deixou em 1977 com a constituição do primeiro parlamento do país (nessa altura designado “Assembleia Popular”), do qual foi presidente até à realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994.

⁶ **António Agostinho Neto** (Icolo e Bengo, 17 de Setembro de 1922 — Moscovo, 10 de Setembro de 1979) foi um médico, formado nas Universidades de Coimbra e de Lisboa. Foi Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e em 1975 tornou-se no primeiro Presidente de Angola até 1979. Em 1975-1976 foi-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz.

TC: Cheguei a Moçambique em Março de 1978. Nunca tinha estado em Moçambique, as informações eram muito escassas. As informações turísticas eram como ex-colónia portuguesa, país em guerra, não eram também uma meta turística conhecida. Não era possível viajar. Para um italiano normal, Moçambique era um nome exótico que na mente das pessoas se relacionava com os contos das 1001 noites, visões um pouco exóticas do oriente, mas que não permitiam posicionar o país na sua realidade.

P: Quais foram as suas emoções quando chegou a Moçambique?

TC: Quando cheguei a Moçambique... são aquelas coisas que ficam presas na memória. Para mim era um lugar exótico, completamente diferente daquilo que estava habituado. Lembro-me que a primeira impressão forte foram os cheiros. Chegando da Europa, quando se abriu a porta do avião fui investido por um cheiro muito particular, este ar húmido, quente, cheio de odores de madeira, madeira molhada. Vocês talvez estejam habituados, não prestam atenção, porém, é aquilo que para uma pessoa que não conhece o cheiro da terra molhada. É diferente, o cheiro da terra molhada, das madeiras molhadas. Entrar nesses restaurantes, em lugares com o cheiro de óleo de coco, por exemplo, que nunca tinha cheirado. O cheiro do jambire, do pau-rosa... são essas coisas mesmo que se fixaram nessa terra vermelha. Portanto, é toda uma série de coisas que me fizeram pensar: “Estou, efectivamente, num lugar diferente”.

P: Ainda sobre as pessoas...

TC: As pessoas também têm um cheiro diferente, é inegável, não é por ser racista. São sensações, associam-se na nossa memória. Cheiros, cores, sons estão estritamente associados. Também foi uma coisa que reparei em que o cheiro era diferente, me parecia diferente. As nuvens em Moçambique são baixas, correm rapidamente e são muito baixas. Em Itália são altas, a lua está virada ao contrário. Quando é meia-lua ela está deitada para baixo, nós estamos habituados a ver a lua ao contrário.

P: Estávamos em 1978, 78 era o momento em que havia uma grande...

TC: Lembro-me que não havia carros na rua. Havia dois ou três. Os pouquíssimos carros que havia eram de alguns cooperantes que tinham comprado um Fiat 128 na África do Sul e tinham conseguido importar, não sei como. Depois havia alguns Lada⁷, alguns Niva⁸, alguns jipes e UAZ,⁹ do exército. Havia mesmo esses camiões do exército com toda tropa em cima, ágeis, magros...

P: Qual foi a sensação quando chegou? Era um povo acolhedor, alegre?

TC: Sim. Isso também me chamou a atenção. Toda gente a sorrir, as pessoas que cumprimentam, mesmo que não nos conheçam, essa maneira de fazer com que o

⁷ Lada é uma marca de carros fabricados pela Avtovaz (originalmente VAZ), uma empresa estatal russa. De Janeiro de 2021 a Maio de 2022, a Lada foi integrada à marca irmã Dacia na unidade de negócios Lada-Dacia da Renault. Os primeiros carros fabricados pela Avtovaz foram produzidos com assistência técnica da Fiat e comercializados sob a designação Zhiguli. A marca Lada apareceu em 1973. A Renault assumiu o controlo da marca em 2016. A assistência técnica da empresa francesa começou em 2008, depois que adquiriu uma participação minoritária da Avtovaz. Lada foi readquirida pelo governo russo em 2022.

⁸ Lada Niva Legend, anteriormente chamado de Lada Niva, VAZ-2121, VAZ-2131 e Lada 4x4 é uma série de carros todo terreno, pequenos (carrinha) e compactos (carro ligeiro e jipe) projectados e produzidos pela Avtovaz desde 1977. As carrinhas de três e, mais tarde, de cinco portas 4x4 foram vendidos sob a marca Lada em muitos mercados e estão em produção contínua desde 1977.

⁹ UAZ é mais conhecida pelo veículo utilitário UAZ-469. É poduzida pela Ulyanovsky Avtomobilny Zavod, com sede em Ulyanovsk, Russia, Tem visto grande uso como um veículo militar no bloco oriental e em todo o mundo. A fábrica UAZ iniciou a produção em 1941 como parte do esforço de guerra soviético.

interlocutor se sintam a vontade. Esse é um impacto muito positivo nas pessoas que é uma característica cultural moçambicana que, graças a Deus, ainda se mantém, até que o *TikTok*, *Facebook* e companhia não estraguem a cabeça das pessoas. Isso é muito importante.

Depois havia esse sentimento de segurança, podia-se andar a qualquer hora, de dia, de noite, a pé, em qualquer lugar, com a segurança de que não ia acontecer absolutamente nada. Era assim, de facto. Porém, por outro lado havia carência de materiais, dificuldades, mas o conjunto de dificuldades pesava muito menos que as características positivas que as pessoas podiam colher. Sobretudo havia esse entusiasmo em participar de alguma coisa. Eu não sei quantas, ou se, efectivamente, todas as pessoas que participaram, sábado de manhã, nas várias actividades sociais estavam contentes ou não, porém, tive a impressão que a maioria participava tendo consciência que estava a fazer alguma coisa de útil.

P: O que o trouxe para Moçambique?

TC: O que me trouxe para Moçambique? Uma série de coisas. Na época, eu era investigador da universidade. Portanto, juntaram-se aí três factores: Acabada a universidade devia ter ido fazer o serviço militar. Então, ao invés de fazer o serviço militar, escolhi a opção que era possível de objector de consciência e não fazer o serviço militar, mas fazer o serviço de voluntariado civil alternativo, por dois anos. Eu não gostava de fazer a tropa, então disse: “Em vez de perder tempo a aprender a disparar com uma espingarda, é muito melhor ir trabalhar e fazer voluntariado civil num país que acaba de ser independente”.

Portanto, havia esse segundo aspecto de querer participar no processo e a curiosidade de ver como se podia construir uma sociedade nova. Depois, eu era daquela parte política que simpatizava com a FRELIMO. Portanto, encontrei três coisas válidas para vir para cá. O quarto motivo válido era como todas as pessoas da minha geração, nós todos queríamos sair de casa o mais rápido possível. Não é como agora, eu tenho filhos que com quarenta anos ainda estão na casa da mãe. Mas na época, o ideal era acabar os estudos, encontrar trabalho e fugir de casa. Era aquilo que normalmente deveria acontecer. Então, foi essa a minha primeira oportunidade de trabalho e até me casei. Casei-me dois meses antes de vir para Moçambique. Não estava muito convencido, mas como o meu sogro queria que eu casasse para levar a filha, então, casámos e fugimos para Moçambique.

P: Qual foi a actividade específica que desenvolveu aqui em Moçambique logo que chegou?

TC: Comecei a trabalhar no primeiro programa de assistência técnica italiana que foi o programa de cooperação com a Universidade Eduardo Mondlane. Acompanhei este processo bastante de perto. Recuando um pouco atrás, logo depois da independência a UEM fez uma grande reunião para saber o que deveria ser a universidade, qual era o sentido de uma universidade de um país que acabava saindo de uma revolução. Daí foi fixada uma tarefa específica: a UEM, como instituição, devia apoiar a capacitação técnica dos ministérios e a formação do pessoal técnico e também de gestão dos Ministérios.

Falava-se naquela época em levar as faculdades ao campo. Portanto, a Faculdade de Veterinária ao campo, a Faculdade de Geologia a Moatize. Havia até ideias pouco práticas, porém, com entusiasmo tudo se diz. Mas a ideia de fundo era que a universidade devia estar ao serviço do desenvolvimento e foi esta a ideia, palavra de ordem, associada ao apelo que Moçambique fez ao mundo, em geral, para receber quadros técnicos, porque os quadros técnicos portugueses tinham saído do país.

Então, nesse âmbito foram feitas várias missões na Europa, pelas autoridades moçambicanas. O antigo Reitor Ganhão¹⁰ foi em missão à Europa em Maio de '76 e passou por Roma, num sítio para onde foi convidado em Roma. Encontrou-se com Dina Forti¹¹ que era uma pessoa chave. Era uma parlamentar italiana do Partido Comunista que fazia parte da Direcção para Relações Internacionais do Partido Comunista e que sempre foi o *focal point* na Itália, não só do Partido Comunista, mas também de todo sistema italiano, de outros partidos em relação à FRELIMO. Foi Dina Forti a pessoa com a qual Óscar Monteiro esteve em contacto, para organizar a famosa Conferência de Roma e que organizou o conjunto de relações entre a FRELIMO, o Partido Comunista Italiano e os sindicatos italianos. Portanto, era a pessoa de referência. Isso tem uma história muito longa, porque esse relacionamento com Dina Forti era ainda mais antigo. O primeiro encontro foi com Marcelino dos Santos em '68, recuando um pouco no tempo. Era a pessoa que tinha contactos oficiais com Moçambique e com a FRELIMO.

Portanto, o Reitor Ganhão chega a Roma em Maio de 76, tem um encontro com Dina Forti e diz-lhe que queria ajuda para universidade. Sobretudo queria cooperantes técnicos, mas que se sentissem engajados na construção do país. Deviam também dar uma disponibilidade em termos políticos, não serem pessoas que pudessem entrar o processo de alguma forma, deviam ter alguma forma de garantia e esta garantia era pedida ao Partido Comunista. Faz parte da lógica esse posicionamento. Isso deu a possibilidade de fazer um encontro. Fazia parte da delegação moçambicana José Bucelatto que agora talvez não esteja em Moçambique, mas que na época fazia parte da direcção, ou talvez fosse mesmo o Director das Relações Internacionais da UEM. Então, houve os primeiros encontros.

Seguramente o encontro mais importante foi na Faculdade de Ciências da Universidade de Roma, onde se encontraram com Massimo Cresta que era um biólogo italiano, famoso terceiro-mundista já envolvido em actividades de cooperação com os países em desenvolvimento, com muita experiência de África. Tinha criado a cátedra

¹⁰ **Fernando dos Reis Ganhão** (Maputo, 6 de Janeiro de 1937 – Maputo, 4 de Abril de 2008). Cedo junta-se à FRELIMO. Durante a sua participação na luta pela libertação nacional. Em 1966/68, foi professor de História de Moçambique no Instituto de Dar-es-Salaam. Dirigiu a primeira compilação sistemática de dados sobre a História de Moçambique. Após a independência, em Dezembro de 1974, foi nomeado Reitor da Universidade de Lourenço Marques (actualmente Universidade Eduardo Mondlane). Foi Presidente do Comité Olímpico Nacional, Vice-presidente da Comissão Nacional da UNESCO, Presidente do Centro de Relações Internacionais Moçambique - Tanzânia, Presidente do Conselho de Reitores de Moçambique. Fernando Ganhão, no momento da morte, exercia as funções de Reitor da Universidade Técnica de Moçambique

¹¹ **Dina Forti** (Alexandria, Egipto 1915 – Roma 28 Outubro de 2015). Quando jovem, trabalhou no Departamento de Relações Internacionais do Partido Comunista Italiano, dedicando-se à luta contra o fascismo e o colonialismo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela desempenhou um papel especial na comunicação de rádio entre o Movimento de Resistência Italiano e o comando das tropas britânicas das Forças Aliadas baseadas em Jerusalém. Após a guerra, Forti desempenhou um papel crucial no gabinete de relações internacionais do Partido Comunista Italiano, responsável pelo desenvolvimento e manutenção das relações com os movimentos de libertação africanos e asiáticos. Forti passou quatro anos (1977 a 1981) em Moçambique, ajudando oficialmente o presidente Samora Machel nas suas relações com as Nações Unidas e outras instituições internacionais.

de Ecologia Humana. Ele era médico, mas estava na Faculdade de Ciências, ensinava Ecologia Humana em '77.

Depois encontrou-se com professores da Faculdade de Ciências. Em particular, estavam os professores do Instituto de Geologia, onde eu estava a estudar. Eu em '76 estava a fazer o último ano do meu curso de geologia, portanto, acompanhei por alto. O meu professor de vulcanologia chamava-se Raffaelli Virgilla, ainda está vivo e falou-me desse encontro interessante, que Moçambique tinha um potencial mineiro imenso, que estava muito interessado, etc.

No ano seguinte, em 1977, foi organizada uma missão da Universidade de Roma e outras universidades italianas, também a Faculdade de Engenharia de Roma, a Universidade de Bolonha com Pampiglione que era um médico, Gregório Monasta¹², famosíssimo físico, ainda vivo e também médico especializado em medicina tropical que foi também Vice-director geral da UNICEF, portanto, uma pessoa de altíssimo nível intelectual. Portanto, vieram cá médicos, geólogos, engenheiros e logo se identificaram os sectores para a Cooperação Italiana, em geral, que eram agricultura, geologia, medicina, fundamentalmente esses. A geologia depois parou, seguiu outros caminhos. Depois através da Faculdade de Arquitectura começaram os primeiros contactos com arquitectos moçambicanos para dar origem a um outro sector de cooperação que foi Arquitectura e Planificação Física Urbana, planificação territorial.

Portanto, nasce tudo aí. Em Junho de '77 esta delegação italiana chega a Maputo e a cooperação fica aí claramente coordenada pelo embaixador que se chamava Cláudio Moreno, extremamente activo e muito ligado à Universidade de Roma que foi um pouco a semente, o ponto de origem de toda a cooperação que veio depois. Mas não a única, porque ao lado desta cooperação que se fortificou, havia a cooperação histórica desenvolvida com o sistema da região de Emilia, Reggio Emilia que em termos técnicos, em Moçambique, se expressava através de intervenções da Liga das Cooperativas sobretudo na produção agrícola e no apoio ao sistema de saúde, principalmente em Cabo Delgado, mas também depois em outras partes.

P: Já tinha havido um acordo de gemelagem?

TC: Sim! Em Cabo delgado, entre o Hospital de Cabo Delgado e o Hospital de Reggio Emilia e isso até antes da independência. Coisa interessante e engraçada é que em 1975, no dia da independência nacional, a Itália ainda não tinha reconhecido formalmente o governo moçambicano, mas havia uma delegação italiana que não era do governo, mas era da cidade de Reggio Emilia. Nós tínhamos esta capacidade dupla, porque em Itália, mas também outros países europeus, há regiões onde os governos-gerais têm bastante autonomia. Então, às vezes quando o governo central se sente incómodo em algumas coisas, entra o governo dessas regiões.

P: Quando chegou a Moçambique ainda havia as actividades de Julho?

TC: Se havia actividades de Julho? Sim, eu participei até...

P: Para um universitário europeu o que achou dessa ideia das actividades de Julho?

¹² **Gregorio Monasta** (Florença, Itália - 7 de Novembro de 1938) Graduado em Física pela Universidade de Florença, Doutor em Medicina pela Universidade de Pádua, Itália, Estudos de pós-graduação em doenças pulmonares, cuidados intensivos e cardiologia

TC: Não só havia actividades de Julho, mas havia também o Centro de Investigação sobre Tecnologias Sustentáveis, onde havia excelentíssimos arquitectos que tentavam ver como se podia construir com material local. Fez um trabalho excepcional. Na altura tudo estava perfeitamente de acordo, porque fazia parte de uma mentalidade que desgraçadamente se perdeu agora, baseada na famosa frase de Mao Tse Tung “*Contar com os seus meios*” o que é uma suposição justa para o país, naquela altura. Não quer dizer que precisem de ser autárquicos, no sentido de ser completamente independente dos outros, mas contar com as próprias forças. Significa ter uma mentalidade de arregaçar as mangas e trabalhar, tirar de ti tudo aquilo que tens, todo o teu potencial para atingir o teu objectivo, sem justificar a ausência de uma intervenção, pelo facto de não haver condições, de que não há isso, não há aquilo. Conta-se com aquilo que se tem que é o raciocínio camponês mais básico. Esta era a filosofia da também das actividades de Julho.

As actividades de Julho, na verdade, era uma maneira de empenhar os estudantes universitários em tarefas práticas no campo, possivelmente no sector do seu interesse, mas não necessariamente. Portanto, servia um pouco para ligar a teoria à prática. Esse era outro lema maoísta terrível, em que me lembro muito bem, ligar a teoria à prática. Pode ser útil para o desenvolvimento social, mas não tem efeitos imediatos e quando se está numa revolução – a questão era essa – e os recursos são poucos, todo o recurso deve ter uma aplicação prática, senão é um gasto que nessa fase histórica é um luxo.

Das actividades de Julho, lembro-me da colheita de arroz no Chókwe. Não sei quanto arroz foi colhido e quantas pessoas se embriagaram lá no fim das fainas, porém porque também havia essa parte.

P: Só para esclarecer: actividades de Julho significava que estudantes da universidade não tinham férias, portanto escolhiam uma zona onde iam trabalhar durante aquele mês.

TC: Mas também ao sábado de manhã havia dois tipos de trabalho. Um trabalho prático: limpar o bairro, limpar à frente da casa, recolher o lixo, cortar capim, tudo aquilo que serve a comunidade, ou reunião política no Grupo Dinamizador¹³.

Participar no grupo dinamizador significava participar com todos os vizinhos numa espécie de catarse colectiva, em que se falava de tudo e de onde saíam todos problemas para fora, mas onde também se fazia a gestão de conflitos. O grupo dinamizador depois evoluiu no bairro, para estruturas que agora são burocráticas, mas na época eram estruturas políticas que serviam para fazer entender as pessoas que eles eram parte do processo de uma comunidade e que as pessoas deviam sentir-se engajadas. Houve quem se aproveitou, houve coisas que andaram mal, porém a intenção era boa, de facto. Não se podia escapar, ou se trabalhava no sábado, ou se ia ao grupo dinamizador. Aquilo que não se podia fazer era ir à igreja, porque as igrejas tinham sido abolidas, era proibido. É verdade ou não é verdade? É verdade.

¹³ Os **Grupos Dinamizadores** foram organizações de base da sociedade que foram criadas em Moçambique pela FRELIMO ainda durante o governo de transição após os Acordos de Lusaka. Foram expandidos a todo o país depois da Independência de Moçambique. Embora não fossem especificamente células da FRELIMO, os Grupos Dinamizadores eram de facto guiados por orientações e por quadros daquela organização, como aliás, toda a sociedade. Formaram-se dois tipos de Grupos Dinamizadores: Grupos Dinamizadores de Local de Trabalho, e Grupos Dinamizadores de Local de Residência.

P: Há uma declaração oficial que a igreja estava a seguir os interesses do colonialismo, portanto, há uma espécie de declaração de guerra contra a igreja que só foi resolvida bastante mais tarde.

TC: Eu lembro-me de que na Zambézia as missões foram transformadas em celeiros. Havia dois padres capuchinhos italianos que estavam em Morrumbala. Um deles faleceu e que é muito conhecido em Moçambique, o padre Prosperino¹⁴ que construiu do nada a União Geral das Cooperativas.

O outro é Domenico Liuzzi¹⁵ ainda presidente da KULIMA¹⁶. Os dois saíram de Morrumbala. A Missão de Morrumbala foi transformada num quartel. O governador da Zambézia na época, Gruveta¹⁷, era bastante anticlerical. Depois, foram chamados por Samora Machel¹⁸ que estava preocupado, em '80, com a questão do abastecimento alimentar das cidades e teve a ideia de cultivar o vale do Infulene e fazer aquilo que depois foi chamado de Zonas Verdes de Maputo. Foi uma ideia de Samora e uma realização concreta do padre Prosperino que organizou milhares de mulheres desempregadas, pobres, transformando-as em pequenas agricultoras e depois em pequenas criadoras de galinhas, dando origem a uma série de acontecimentos que permitiram a essas milhares de pessoas sair da pobreza e a milhares de maputenses ter alguma coisa para comer.

P: Mas ainda nas zonas verdes, a Liga das Cooperativas Italianas prestava também alguma assistência, ou algum tipo de apoio?

TC: Não! São duas coisas diferentes. A Liga das Cooperativas Italiana chegou cá por contacto directo com o Ministério da Agricultura. Foi chamada para prestar assistência às cooperativas agrícolas que surgiram da nacionalização das grandes propriedades agrícolas onde havia sistemas de irrigação abandonados.

Eram muitas vezes investimentos de privados, portugueses, ou estrangeiros que tinham machambas com sistemas de irrigação, onde viviam camponeses. Esses sistemas, já tecnologicamente um pouco avançados, precisavam ser recuperados, mantidos. Aquilo que se fez com a saída dos proprietários foi pôr os camponeses que trabalhavam nessas machambas em cooperativas agrícolas. Mas não tinham

¹⁴ **Prosperino Gallipoli**, também conhecido como Rocco Luigi Gallipoli (Montescaglioso, 7 de Outubro de 1932 - Maputo, 18 de Fevereiro de 2004), foi um religioso e missionário italiano, pertencente à Ordem dos Frades Capuchinhos Menores, que trabalhou desde 1959 em Moçambique. O seu trabalho em Moçambique foi fortemente baseado numa visão aberta do cooperativismo. Ele também é lembrado por sua determinação na luta contra as injustiças sociais no país. O trabalho mais significativo de Prosperino foi a fundação em Maputo da União Geral das Cooperativas de Maputo, ainda operando nos sectores de criação de frangos e agricultura. Na organização desempenham um papel decisivo as mulheres, que constituem 95% dos membros da cooperativa.

¹⁵ **Domenico Liuzzi**, fundador da Kulima e actual Director Nacional realizou programas de Alfabetização e Educação de Adultos e programas comunitários de desenvolvimento rural integrado. A partir do ano 1980, por orientações governamentais, juntamente com Prosperino, facilitou o processo de criação das Zonas Verdes na Cidade de Maputo e outras cidades do País.

¹⁶ A **KULIMA** nasceu em 1984 em ligação com uma ONG francesa (Bioforce) no período da Guerra Civil em apoio aos refugiados, a fim de criar para eles condições de reassentamento definitivo em áreas mais propícias. No entanto, a sua história remonta a 1974, sempre relacionada com o desenvolvimento rural e na promoção social da Mulher e Criança. Foram implementados projectos de desenvolvimento em todas Províncias do País, cobrindo mais de 63 distritos.

¹⁷ ¹⁷ **Bonifácio Massamba Gruveta** (Namacata, 6 de Junho de 1942 – Maputo, 28 de Setembro de 2011) Membro do Comité Central desde o II Congresso da FRELIMO foi comandante das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) durante a luta de libertação. General na reserva foi o primeiro Governador da província Zambézia após a independência nacional de Moçambique. Também ocupou o cargo de primeiro Secretário-Geral da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional. Foi deputado do Parlamento moçambicano e pertencia ao Conselho de Estado Moçambicano.

¹⁸ **Samora Moisés Machel** (Chilembene, Gaza, 29 de Setembro de 1933 — Mbuluzini, Montes Libombos, 19 de Outubro de 1986) Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique liderou a Guerra da Independência de Moçambique como Presidente da FRELIMO e tornou-se o seu primeiro Presidente da República após a sua independência.

conhecimentos técnicos. Então, a Liga das Cooperativas Italiana enviou muitos técnicos para capacitar os camponeses com aqueles mínimos conhecimentos técnicos para garantir a continuidade de uma produção agrícola já moderna. Já não falamos, portanto, mais da agricultura de enxada, mas já com tractor, etc. Isso não estavam ao alcance das pessoas que viviam ali, porque quem tinha conhecimentos técnicos havia fugido. Daí a necessidade de haver técnicos, não só italianos, mas também vieram muitos técnicos dos países do Leste da Europa, búlgaros e de outros países do Leste. Então, a Liga das Cooperativas vem para dar assistência ao Estado, na gestão das cooperativas agrícolas.

As Zonas Verdes não tinham aquele tipo de campesinato, eram realmente mulheres pobres que não tinham, às vezes, conhecimento técnico de nenhum tipo, mas que podiam, no máximo, cultivar meio hectare. Daí a ideia de concentrar a produção em hortas, por causa da superfície reduzida. O canteiro de alface, ou de couve, não é um hectare de milho, é uma coisa muito mais reduzida que está ao alcance físico de uma pessoa. Em dois mil e quinhentos metros quadrados, três mil metros quadrados é possível que uma pessoa possa cultivar, mas tem que o fazer de forma organizada, porque tem que estar dentro de um esquema de trabalho em conjunto com outras pessoas, para racionalizar o uso da água, o uso de adubos. Para criar hortas tem que se saber como cultivar o canteiro, mas tem que se saber como trabalhar com outras pessoas dentro de uma cadeia de valor, onde se sabe que há quem dê as sementes. Depois há uma sucessiva especialização do processo. No âmbito da União Geral das Cooperativas havia quem produzia as suas plantinhas, havia quem produzia a alface, havia quem produzia sementes, ou na cadeia dos frangos, havia quem produzia ovos, havia quem produzia os pintos, etc. Há toda uma série de cadeia de valores que foi parcelada, mas os operadores eram pessoas sem posse que foram formados, fazendo. Estudavam, fazendo e, às vezes, nem tinham a quarta classe, eram semianalfabetos.

P: Não há dúvida que ao nível das intenções foi um processo fantástico, a ideia de conseguir recuperar e dar condições às pessoas. Resultou? Caso positivo, no caso da União Geral das Cooperativas teve muito sucesso, é verdade, por que foi abandonado? Não poderia ser uma alternativa para as pessoas sem posse poderem continuar, na sua opinião?

TC: Estou num campo que não é o meu. A minha resposta não será uma resposta de pessoa competente no sector. A agricultura é uma actividade extremamente complexa, depende de qual é o uso final do produto. Em Moçambique sempre houve esse dualismo entre a agricultura para exportação e agricultura para o consumo. Depois, no âmbito do consumo, comércio interno e autoconsumo. São, portanto, três níveis, três tipos de agricultura completamente diferentes e não houve uma priorização clara. De facto, os três sectores andaram em paralelo. Dá-me a impressão que o Ministério da Agricultura quis-se ocupar das três coisas ao mesmo tempo, talvez não tenha havido uma concentração clara num sector em relação ao outro.

O que era claro, nos anos 80 é que havia um problema de praticabilidade no terreno, da possibilidade de ir ao campo. Depois houve também a guerra civil. Portanto, era a questão das cinturas verdes, não só em Maputo, mas também na Beira, em Nampula. Era uma maneira de sobreviver, porque as cidades com a guerra civil eram ilhas

circundadas por zonas impraticáveis, onde não podíamos ir por razões de segurança. Agora, havia zonas no campo que eram cultivadas, eram culturas para o autoconsumo, o que é muito bom, porque se bem feito permite à pessoa viver bem. Talvez não viva muito bem, porém vive e não é um custo para o Estado.

Um Estado pobre a ter que dar trabalho, assistência, serviços sociais a milhões de pessoas, quando não tem recursos é praticamente impossível. Isso quer dizer que mesmo durante a guerra civil houve vastas zonas rurais de Moçambique onde se continuou a produzir, só que essa produção era auto consumida, ou consumida pelos grupos armados que governavam o território, não necessariamente do governo, mas é a produção que não saía daí, era uma economia fechada. Moçambique era um *puzzle* de economias regionais fechadas.

A agricultura de exportação não se podia praticar, de facto. Com a pacificação, a agricultura para exportação foi o único sector – quase ausente nos últimos anos – que voltou em força. Houve também uma tentativa de se expandir à custa dos outros tipos de agricultura, sobretudo da agricultura de subsistência. Ainda não está claro quem vai ganhar, porém, o exemplo do ProSAVANA¹⁹ é um exemplo evidente, uma tentativa de exportação que poderia ter provocado, de facto, um empobrecimento de muita gente. Não quero entrar dentro dos prós e contras, porém, devo registar que houve uma circulação de ideias, no âmbito das associações de camponeses que demonstrou o facto que existe um movimento de pequenos produtores organizados em Moçambique. Existe uma realidade crescente de associações, não falamos de cooperativas, de associações de camponeses que se estão organizando e se estão ligando à cadeia comercial da agricultura.

Porém, como digo é um sistema económico muito complexo, porque se a produção é para exportação, devem-se respeitar certos critérios, certos padrões, certos tempos de entrega e tudo está na mão dos compradores. Quem faz o preço é o comprador. Portanto, às vezes, convém, às vezes, não convém. É um sector certamente fluído.

Se a pergunta é se o esquema das associações é factível, eu penso que sim! Eu penso que deveria ser adequadamente promovido, mas na forma de associação livre. O problema é que em Moçambique, por muito tempo, a palavra cooperativa fazia calafrios às pessoas, porque as primeiras cooperativas eram: “Saiu o patrão, chega alguém que praticamente toma o lugar do antigo patrão e organiza as pessoas que estão lá, de forma rígida.” Portanto, algumas das mais antigas cooperativas, de facto, eram constituídas por pessoas que se sentiam obrigadas a exercer certas tarefas e não participavam no desenvolvimento da sua própria cooperativa. Viam isso como imposição. Então, isso levou ao fracasso, mesmo do uso da palavra cooperativa.

P: Desde Março de 1978, prestou serviços à UEM como docente na Faculdade de Geologia. Como foi para si essa experiência? Quantos anos durou essa experiência? Quais foram os projectos concretos que foram desenvolvidos no sector da geologia durante esse período?

¹⁹ O ProSAVANA é um programa de cooperação triangular entre Moçambique, Brasil e Japão desde 2009. A Agência de Cooperação Internacional do Japão, o Ministério das Relações Exteriores do Japão e a Agência Brasileira de Cooperação participam deste projecto. O principal objectivo é "melhorar a subsistência dos habitantes do Corredor de Nacala através do desenvolvimento agrícola e regional inclusivo e sustentável" e "criar emprego através do investimento agrícola e do estabelecimento de uma cadeia de suprimentos".

TC: Quando eu cheguei era um júnior, tinha 23 anos. Era um investigador. Vinha para um projecto onde havia docentes que tinham sido meus professores em Itália: Odoardo Girotti, Adriano Taddeucci, Raffaelli Virgilla. Portanto, eu e mais uma pessoa, éramos dois voluntários, como assistentes. Devíamos ser os assistentes dos professores italianos, mas depois como havia uma grande pressão, acabámos por ser docentes.

Eu lembro-me que os primeiros cursos foram cursos propedêuticos. Houve um período que havia uma Faculdade Preparatória. Era uma faculdade onde estavam as pessoas que estavam hospedadas no Centro 8 de Março²⁰. Eram meninos que tinham entre a décima à décima segunda classe e deviam fazer esses cursos de dois anos de preparação para a universidade. Portanto, eu tinha a minha turma de vinte e oito meninos da décima classe com dezassete e dezoito anos e dava aulas em português. Praticamente era equivalente à última classe da Escola Secundária, em que se davam aqueles elementos de ciências, matemática, física, biologia, geologia, para que pudessem ter os conhecimentos mínimos suficientes para fazer os cursos na universidade. Foi uma experiência interessante, porque era um ambiente muito juvenil. Eu, o professor, tinha vinte e dois anos, eles tinham dezoito, dezassete. Para mim foi divertido. Andava a pé.

P: Mas quanto tempo durou esse período?

TC: Talvez estejamos a falar do paleolítico. Eu devia preparar as aulas traduzindo livros para português e escrevendo tudo em papel *stencil*, depois metia-se numa máquina que fazia a foto incisão nos *stencils* de cera de abelha e depois era reproduzida numa rotativa com tinta preta. Saíam os papéis. Isso era antes da fotocopiadora. Então estava sempre sujo, cheirava a tinta, essa tinta preta estava em todo lado. Era assim que passava quase todo o fim-de-semana a produzir esses apontamentos.

Aquilo que me chamou atenção foi o sistema de ensino de onde eles vinham que é completamente diferente do meu. Eles pretendiam que eu ditasse os apontamentos para poderem escrever. Eu dizia: “Vocês estão completamente loucos, não faz sentido. Eu falo, quem não entende, faz perguntas, eu respondo e acabou. Vocês têm apontamentos. Depois, eu digo quais são os livros na biblioteca onde podem estudar e se isto não chega, posso fazer apontamentos, mas agora, isso de eu estar a perder o meu tempo a ditar para vocês, isso não é dar aulas, é uma brincadeira.”

A segunda coisa que me chamou atenção foram os exames. Eu dou muita importância à capacidade de raciocínio, de exposição. Então, exigia exames orais. Todos ficaram completamente aterrorizados: “Nós queremos exame escrito, com respostas múltiplas.” “Nós aqui não estamos nos Estados Unidos, vamos fazer coisas sérias. Não, eu faço as perguntas, tu respondes e eu dou-me conta em função da maneira como respondes, se sabes, ou não sabes.” Essa coisa aterrorizava-os, até que houve queixas. O Director da Faculdade chamou-me e disse: “Você é muito mau.”

²⁰ **8 de Março de 1977** – Nesta data o Presidente Samora Machel num comício no Pavilhão do Maxaquene anunciou a suspensão da 10ª e 11ª classes e os cerca de 600 estudantes foram chamados a desempenhar várias tarefas entre elas no domínio da Educação. Estes jovens foram concentrados no antigo Seminário S. Pio X e que passou a ser conhecido como Centro 8 de Março. Actualmente, esse Seminário foi devolvido à Igreja. Esse grupo de jovens é conhecido como a Geração do 8 de Março.

Eles estavam habituados a um sistema completamente passivo de transmissão total. O professor era a autoridade máxima, o máximo do estudo é repetir de memória as coisas, sem saber o que estavam dizendo. Às vezes, havia casos que as pessoas repetiam, mas não sabiam o significado daquilo que estavam dizendo. Mas ainda continua assim, em certos contextos, ainda é assim.

P: A partir de 1980 começou a exercer algumas funções no Ministério da Indústria em Moçambique. Como é que foi essa transição de professor assistente até chegar ao Ministério da Indústria?

TC: A questão é que por causa desta visão que tinha a universidade, na época e que voltou a ter agora, afortunadamente, já havia relações estreitas com o Ministério da Indústria, em particular com a Direcção Nacional de Geologia e Minas que até para as actividades de Julho chamava os estudantes da Faculdade de Geologia para as minas em Moatize. Lembro-me que em '78 fui para o Alto Ligonha, para as minas de esmeraldas e de pegmatito, para fazer as actividades de Julho com os estudantes. Portanto, a relação era estreita.

P: Os professores acompanhavam os estudantes nesse trabalho?

TC: Sim. Era um trabalho conjunto com os estudantes. O estudante devia fazer o relatório das suas pesquisas. Era um lugar de trabalho e, portanto, havia este contínuo intercâmbio de experiências também de trabalho.

O que aconteceu é que em finais de '79 começou o programa de assistência técnica das Nações Unidas. Havia e ainda há, uma agência especializada de assistência técnica, a UNDESA²¹. Então, foi concordado um programa de apoio à Direcção Nacional de Geologia e Minas e contratavam-se pessoas, entre os quais peritos juniores. Então, eu participei no concurso e ganhei o lugar. Passados alguns meses encontrei-me a trabalhar na Direcção Nacional de Geologia, no Departamento de Cartografia Geológica que estava sendo formado com assistência desse programa. Mas não era só uma formação teórica. Eu participei, portanto. Já era muito mais profissional, já não era ensinar miúdos. Era fazer trabalhos concretos.

Aí, tratou-se de introduzir a análise da imagem de satélite para estudos geológicos e fazer actividades de levantamento no campo. Portanto, foram dois anos em que eu participei como geólogo desse departamento. Em actividades de levantamentos de campo, de levantamento de amostras de análise microscópica, de elaboração de mapas geológicos, etc. Era um trabalho financiado pelas Nações Unidas.

P: Já nessa altura se identificou que havia muita riqueza no subsolo de Moçambique?

TC: Isso já se sabia, porém eu fiz alguns estudos, de facto, na época. Através da imagem de satélite podiam-se identificar os domínios metanogénicos em Moçambique. Na época dava-se muita importância aos metais e ao pegmatito. Ainda não se sabia, do uso do tântalo, do colúmbio, ainda não era como é agora. Agora é a

²¹ UNDESA - Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas faz parte do Secretariado das Nações Unidas e é responsável pelo acompanhamento das principais Cúpulas e Conferências das Nações Unidas, bem como pelos serviços prestados ao Conselho Económico e Social das Nações Unidas.

febre do coltan, porque está em toda electrónica de base. Em 1970, início de 80 ainda era uma coisa um pouco esquisita.

No campo fiquei impressionado porque encontrei-me em situações que são o paraíso do geólogo. Coisas que não vejo em outro território, talvez no Brasil, não sei... cristais de magnetite. Ver um cristal de magnetite daquele tamanho, em forma octaédrica, grande como uma bola de ténis não é normal, assim como ver um cristal de berilo longo, com seis metros, também não é normal. Havia coisas na Zambézia que eram francamente fantásticas.

Os lugares em que eu passava, havia uma rocha encrostada de granadas ou de rubis, onde agora estão a tirar os rubis. Os rubis estavam aí, apareciam na terra. Quando sabiam que era geólogo, sempre aparecia alguém. Apareciam camponeses: "Eu apanhei algumas pedras..." Turmalinas, esmeraldas, granadas... Era bonito, era uma coisa terrível, fantástica. Porém, ali não era o faroeste que é agora. Ainda se podia andar.

Mas isso tudo acabou em 1981, porque começou a expansão da guerrilha da guerra civil. De facto, tivemos que interromper a última campanha em '82 em Tete, na Angónia. Cruzámos com a coluna da RENAMO que estava entrando em '81. Atacou-nos, mas deixou toda gente livre de andar a pé, porque aquilo que fizeram foi destruir completamente os carros. Não lhes interessavam os carros, mas levaram todas coisas que podiam ser levadas, como tendas, mochilas, tudo aquilo que se podia carregar. Nós andámos a pé 40 quilómetros, até encontrar a primeira aldeia, onde conseguimos depois dizer: "Estamos aqui, estamos vivos". A partir de '81 já não era possível andar, porque havia a RENAMO e estava-se a expandir e a fazer proselitismo aos camponeses, de facto. Aqueles mesmos camponeses que ficaram desiludidos.

P: Como é que avalia a cooperação entre Moçambique e Itália no sector da geologia nesse período?

TC: O sector de geologia foi importante no início, mas depois, obviamente, saiu um pouco do panorama da cooperação intergovernamental, porque é um sector industrial que tem muitos recursos próprios. Então, fazia sentido no momento inicial, quando o país carecia de capacidades técnicas. Era necessário investir em todos sectores. Porém, à medida que se foram consolidando os conhecimentos no sector geológico, era justo que esse sector saísse do âmbito da cooperação directa intergovernamental. Actualmente é um sector muito importante, mas que do lado italiano é suportado por uma empresa. Mesmo que seja uma empresa de participação estatal a ENI é uma grande empresa de hidrocarbonetos.

É um sector que se rege, muito particularmente, pelas dinâmicas internacionais relacionadas, à procura de matérias-primas e à dinâmica dos preços. Estamos atrás de *commodities*, portanto, de coisas que são utilizadas em processos industriais, tipicamente: gás, petróleo, materiais de construção, metais, carvão, ferro. Tudo isso serve para ser utilizado em indústrias de alta intensidade de capital, onde se fazem enormes investimentos que estão, portanto, ao alcance de enormes grupos privados. É um outro mundo.

Mas tem uma parte da geologia que é de interesse fundamental para as pessoas que é a geologia ambiental e a hidrogeologia, quando se fala do recurso da água. Então, falando de água, o apoio da Cooperação Italiana continuou até aos anos 90 através do fortalecimento das competências na área da hidrogeologia. Isso foi feito através, fundamentalmente, da Universidade de Roma, mais uma vez e de uma ONG italiana especializada que na época se chamava MOLISV e que realizou um grande programa de furos de água, nas Províncias de Maputo, Gaza e depois Zambézia, etc. Portanto, deu origem à actividade de extracção de água potável através de furos, reabilitação de aquedutos. Procurar água potável, seguramente, é uma aplicação social útil da geologia.

Outra parte que tem a ver com investimentos grandes é o controlo da erosão. Aí foram feitos investimentos na capacitação técnica. Mas depois a possibilidade de realizar obras, depende de fundos, normalmente fundos públicos que um país, não muito rico, dificilmente tem. Estamos a falar, portanto, da regulação da defesa da costa, defesa de assentamentos humanos em relação às águas. Muito se pode fazer em termos de prevenção que significa saber construir, onde é possível construir, onde há um risco menor.

Identificar o risco geológico ambiental é o resultado de um estudo que se faz e que é interdisciplinar, feito por arquitectos, geólogos e geógrafos, fundamentalmente. Mas nesse âmbito ainda que esteja sendo apoiado, tem a sua aplicação prática, mais importante, na realização de planos de desenvolvimento territorial. Esta é uma das razões que esteve por trás do apoio da Cooperação Italiana na criação da Faculdade de Arquitectura. Moçambique não tinha Faculdade de Arquitectura. Foi criada em 1982, através, fundamentalmente, do interesse de dois gigantes: um chama-se José Forjaz²² e outro Dierna²³ que era um arquitecto e urbanista italiano da Universidade de Roma, que deu origem a este relacionamento de pessoas, mas também de soluções. A Universidade de Roma e a UEM que deu origem ao primeiro Instituto Nacional de Planeamento Físico – INPF. Os primeiros melhores técnicos do INPF foram formados como primeiros docentes da Faculdade de Arquitectura. O Director da Faculdade de Arquitectura foi por alguns anos um italiano que ainda está vivo, reformado e anda com o seu barco à vela em todo Mediterrâneo. Chama-se António Rizzolli, uma pessoa muito simpática.

A Faculdade de Arquitectura cresceu é agora a faculdade que forma arquitectos e planificadores, numa óptica que foi sempre bem pensada, no sentido de ainda agora ser um curso muito pesado, um curso único de seis anos que forma arquitectos, mas que são também planificadores físicos. Ainda não houve a separação. Eu não conheço arquitecto moçambicano que esteja desempregado, para dizer a verdade.

Mas a Cooperação Italiana, na verdade, em termos de volume de investimento é muito maior em outros âmbitos e talvez mais importante. A geologia teve um âmbito muito

²² **José Alberto Basto Pereira Forjaz** (Coimbra, 1936) Emigra para Moçambique em 1952. Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Belas Artes do Porto em 1966. Mestre em Arquitectura pela Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, 1968. Abre a sua firma de arquitectura em Mbabane, Suazilândia, em 1968. Em 1975 regressa a Moçambique, para integrar o primeiro governo do país independente, assumindo sucessivamente os cargos de conselheiro do Ministro das Obras Públicas e da Habitação, Director Nacional de Habitação e Secretário de Estado de Planeamento Físico. Em 1998 foi Director da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da UEM, em Maputo.

²³ **Salvatore Dierna** (18 de Novembro de 1934 - 18 de Abril de 2016) foi um arquitecto italiano, professor de Design Ambiental desde 1977 na Universidade de Roma "La Sapienza" reitor da Faculdade de Arquitectura da sua universidade (2000-2003), e presidente da *Federated Athenaeum* de Ciências Humanas, Artes e Meio Ambiente de 2004 a 2007.

restrito. Onde a Cooperação Italiana investiu muito e ainda está investindo muito é na agricultura, agronomia, desenvolvimento rural. É um complexo de investimentos que têm a ver com capacitação humana, capacitação técnico-económica e intervenções físicas no terreno, envolvendo uma série de competências técnicas de muitos sectores, concentrados no desenvolvimento local.

A filosofia que sempre acompanhou a Cooperação Italiana é apoiar o desenvolvimento fora das cidades. Por um lado, para evitar o aparecimento de subúrbios urbanos cheios de desesperados, de pessoas que não tenham uma formação. Portanto, a filosofia é promover o desenvolvimento rural, o das zonas não urbanas, um pouco para impedir o fatal processo de urbanização que é um processo histórico, mas que às vezes leva, porém, ao aparecimento de grandes desproporcionalidades e desequilíbrios das diferenças sociais, sobretudo porque basta reflectir numa coisa muito simples: uma pessoa que é desenraizada do seu contexto, levada a uma cidade à procura de emprego, não o encontra, acaba por ser totalmente dependente do furto, ou da caridade. Enquanto se a mesma pessoa que se encontra num contexto rural ainda tem a possibilidade de pegar na enxada e produzir para si. Portanto, a questão é: o pobre num contexto urbano não tem muito melhores capacidades de sobrevivência no dia-a-dia, do que um pobre numa zona rural. A grande diferença é o acesso aos serviços sociais. Por isso as cidades são talvez ainda uma miragem para muitas pessoas. Na cidade pode-se morrer de fome, mas pelo menos há hospital. No campo consegue-se comer, mas quando se fica doente não há hospital. Então, aquilo que deve fazer Moçambique, sempre fez, está a fazer e espero que continue a fazer, é investir, em termos de apoio à produção e disponibilização de serviços sociais nas zonas rurais, porque só assim é que consegue um desenvolvimento sustentável, palavra que anda muito na moda.

P: Participou na elaboração do programa italiano de apoio à paz em Moçambique e Angola. Como é que chega a esse contexto e...?

TC: Eu era um jovem técnico da Cooperação e, portanto, não tinha responsabilidades decisórias. Porém, encontrei-me numa situação interessante, porque acompanhei todo processo. Eu entrei no Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano, na Direcção Geral de Cooperação e Desenvolvimento, em 1989, como perito de cooperação no Departamento da África Austral.

Em '90 começa uma segunda fase, a fase conclusiva da libertação de África. Ainda havia o problema da Namíbia, África do Sul, Zimbabwe. No Zimbabwe, havia apenas uma situação ainda não resolvida. Então, acontecem uma série de coisas, muito rapidamente. A União Soviética praticamente implode, todo o sistema dos países aliados à União Soviética cai. Estamos em 1989, há um momento de vazio e cai um bastião de alternativa política ao imperialismo americano - como continuei a definir - e, portanto, também cai por baixo uma história baseada na contraposição entre blocos.

Isso podia ser um risco para os países que ainda não tinham chegado à independência. Sobretudo era percebido como um risco na zona da África Austral. Se certos sul-africanos tiveram, a inteligência de perceber que o seu período histórico tinha acabado, inevitavelmente e se devia preparar o futuro para prevenir a catástrofe na

África do Sul. Adversamente teria sido uma guerra civil. Pieter Botha²⁴ e certas pessoas do governo do *apartheid* começam secretamente a negociar o fim do *apartheid*, o fim do sistema do poder da África do Sul na África Austral, negociando uma saída com os movimentos de libertação.

Tudo começa quando a Namíbia fica independente, em 1990 e Pieter Botha se encontra com o Ministro das Relações Exteriores, di Michaellis,²⁵ para discutir um caminho para chegar a uma resolução do conflito angolano. Isto leva, depois, conduzido, de facto, por Portugal, com um grupinho de países interessados, a que se pudesse concluir esse processo, dos quais fazia parte a União Soviética e os Estados Unidos. Sem entrar em detalhes, gradualmente, chega-se ao processo de paz angolano, eleições, etc. Depois, houve um período entre '90 e '92 para garantir a paz, antes da retomada da guerra civil em que se lança esse processo de Angola, muito baseado numa dinâmica militar. A concepção de fundo era uma trégua entre duas forças que se tinham combatido, o governo do MPLA²⁶ e UNITA²⁷ e um processo de gradual integração das forças numa única força. Experimenta-se um modelo que falha. Da análise daquilo que falhou no processo angolano é que se retirou experiências para modelar o processo moçambicano.

Estava bem conseguido do ponto de vista político-militar, mas falhámos no sentido de que estava extremamente concentrado na questão da integração da formação do novo exército, desarmamento, realização de eleições, mas não deram suficiente importância aos aspectos sociais. Tínhamos os problemas que a guerra tinha deixado atrás. Em particular, havia dois aspectos que foram descurados: Havia o futuro dos combatentes desmobilizados, por um lado e o desastre territorial, a necessidade de reconstrução e fixação das populações em zonas que tinham sido fortemente atingidas pela guerra e a existência, também, de esconderijos de armas em todo País. Portanto, uma série de coisas, de aspectos extremamente difíceis para se enfrentarem em toda sua globalidade e tinham sido descurados. Depois, por outro lado, havia uma ambiguidade de fundo porque toda a gente ficou, de facto, dependente da conclusão do processo. Nenhum dos presidentes chegou aos 50% e nunca houve uma segunda volta, porque alguém começou uma batalha em Luanda. Esse alguém não foi a UNITA. Foi como foi.

Isso explica também algumas posições iniciais da Renamo a seguir. A questão moçambicana era menos importante na época, em relação à questão de Angola, porque esta era uma potência, em termos económicos, em termos de produção de

²⁴ **Pieter Willem Botha** (Paul Roux, Estado Livre de Orange, 12 de Janeiro de 1916 – Wilderness, Cabo Ocidental, 31 de Outubro de 2006), mais conhecido como "P.W." ou Die Groot Krokodil (afrikaner para "O Grande Crocodilo"), foi Primeiro-ministro da África do Sul entre 1978 e 1984 e Presidente-de-Estado (com poder executivo) de 1984 a 1989.

²⁵ **Gianni De Michelis** (Veneza, 26 de Novembro de 1940 - Veneza, 11 de Maio de 2019) foi um político e académico italiano, deputado de 1976 a 1994, Ministro das Participações do Estado de 1980 a 1983, Ministro do Trabalho e da segurança social de 1983 a 1987, Vice-Presidente do Conselho de Ministros de 1988 a 1989 e Ministro dos Negócios Estrangeiros de 1989 a 1992. No Partido Socialista Italiano desde os anos sessenta, membro da liderança socialista durante o secretariado de Bettino Craxi, vice-secretário do partido entre 1993 e 1994, então secretário nacional do Novo PSI (2001-2007). Mais tarde, juntou à Assembleia Constituinte do PSI e ao projecto de Stefania Craxi chamado Reformistas Italianos.

²⁶ **MPLA** - Movimento Popular de Libertação de Angola é um partido político de Angola, que governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Foi, inicialmente, um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-74. Conquistou o poder em 1974/75, durante o processo de descolónização e saiu vencedor da Guerra Civil Angolana de 1975-2002, contra dois partidos rivais, a UNITA e a FNLA.

²⁷ **UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola**, é um partido angolano, fundado em 1966, por dissidentes da FNLA e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio), de que Jonas Savimbi, fundador da UNITA, era Ministro das Relações Exteriores.

petróleo, em termos de capacidade de exportação de matérias-primas. Na percepção internacional, Moçambique era um país mais pobre, talvez menos interessante, porém com uma guerra civil que tinha provocado um número grande de mortos, com feridas sociais muito profundas. Portanto, as questões eram bastante diferentes.

O que acontece é que há uma série de coisas, era um momento histórico muito complicado e muito confuso, mas os sul-africanos perceberam que não era possível continuar com o sistema do *apartheid*, deviam sair daquilo, deviam pensar em fechar todos os focos de conflito fora da África do Sul e concentrar-se numa tentativa com o ANC²⁸, para que não houvesse um banho de sangue na África do Sul. Deixaram de ter interesses fora. Foi a maioria dos *boers*²⁹ que disse: “Não, basta, o *apartheid* já não serve mais. Nós somos africanos, estamos aqui há séculos, o nosso interesse é de ser portador de conhecimentos técnicos de investimentos para toda área da SADC³⁰.” De facto, durante as negociações de paz moçambicanas – oficialmente iniciam-se em 90 – mas na verdade já tinham iniciado em ’83, já havia sinais claros que o governo sul-africano estava interessado em intervir em Moçambique, futuramente, como país que permite investimentos fora da África do Sul. Isso para dizer que quando iniciou o primeiro acordo parcial de cessar-fogo em ’90, realmente estavam interessados em intervir em Moçambique, mas como país de investidores.

O que aconteceu em ’84 com o Acordo de Nkomati³¹ foi o estímulo para a Renamo deslocar as bases que tinha na África do Sul para Moçambique. Em 1984, foi um *boomerang* para o governo moçambicano, porque, de facto, os sul-africanos deitaram fora a Renamo do seu território. Foi o momento em que a Renamo, efectivamente, meteu bases em Moçambique. Portanto, foi a causa do aumento da intensidade da guerra.

A Renamo percebeu que devia ocupar fisicamente o território. Portanto a partir de ’84 há uma ocupação no centro do território, na Zambézia, no Vale do Zambeze. A tentativa era cortar o país em duas partes, Norte e Sul. De facto, conseguiram, ocuparam até o distrito da foz do Zambeze. As coisas andam sem vitórias militares dum lado e doutro até ’89. Depois, quando o quadro internacional muda é óbvio que se deve chegar a uma conclusão. A Renamo dá-se conta tardiamente que não pode

²⁸ **ANC - African National Congress (Congresso Nacional Africano)** é um partido político sul-africano fundado em 1940. Desde o fim do regime do Apartheid, em 1994, o ANC é o principal partido político da África do Sul, sendo apoiado pela aliança com Congresso dos Sindicatos Sul-africanos e o Partido Comunista Sul-Africano. Nelson Mandela foi a figura mais influente do partido, assim como de todo o continente africano. Nas eleições de 2009, o ANC obteve 65.9% dos votos para a Assembleia Nacional, confirmando-se como o partido político dominante.

²⁹ Os *boers* são os descendentes dos colonos calvinistas dos Países Baixos e também da Alemanha e da Dinamarca, bem como de huguenotes franceses, que se estabeleceram nos séculos XVII e XVIII na África do Sul, cuja colonização disputaram com os britânicos. Desenvolveram uma língua própria, o africâner, derivado do holandês com influências limitadas de línguas indígenas nativas da África como o Bantu, o Xhosa e o Sesoto, do malaio e do alemão. Hoje vivem na África do Sul e na Namíbia, mas também no Botswana e na Suazilândia. Migrações menores de suecos, portugueses, gregos, franceses do norte, catalães, polacos, escoceses, letões, estonianos e finlandeses também contribuíram para essa mistura étnica.

³⁰ **SADC - Southern Africa Development Community** (Comunidade de Desenvolvimento da África Austral) é uma organização intergovernamental criada em 1992 e dedicada à cooperação e integração socioeconómica, bem como à cooperação em matérias de política e segurança, dos países da África Austral. Os Países membros da SADC são: África do Sul, Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maurícias, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbabwe e Seicheles. A sede da SADC encontra-se em Gaborone, no Botswana. As línguas oficiais da Comunidade são o Inglês, o Francês e o Português.

³¹ O **Acordo de Nkomati** foi assinado em 1984 entre o Governo de Moçambique, liderado pelo Marechal Samora Moisés Machel, Presidente da República Popular de Moçambique, e pelo Presidente da África do Sul, Pieter Willem Botha. Este acordo tinha por intenção pôr termo à guerra civil em Moçambique. Para tal, os signatários do dito acordo concordaram em: (1) Deixar de apoiar a RENAMO (responsabilidade da África do Sul); (2) Deixar de apoiar o ANC (responsabilidade de Moçambique). Apesar disto, cada parte continuou a agir por conta própria, e os guerrilheiros da RENAMO prosseguiram com a guerra civil em Moçambique até que em 1992 foi assinado o Acordo Geral de Paz, em Roma, apoiado pela Comunidade de Santo Egídio.

contar particularmente com os Estados Unidos. Aliás, eles deviam acabar com a guerra, porque já não era útil para ninguém. O nível de desastre e destruição do país era a tal ponto que nenhuma das duas partes, evidentemente, podia estar em condições de ganhar a guerra, militarmente.

As cidades estavam circundadas por campos de minas, as guarnições militares circundadas por campos de minas, zonas rurais despovoadas e as pessoas concentradas em corredores humanitários. O ano de maior ajuda humanitária a Moçambique foi 1986. Porém, isto é história. Aquilo que nos interessa é que a certo ponto, com a assinatura do cessar-fogo parcial, em Julho de 90, parece-me que se abre um período interessante, porque se deve construir a paz. Entre Julho de 90 do acordo de cessar-fogo parcial e Outubro de 92 são dois anos de tentativas. Nesses dois anos há um cessar-fogo e há uma situação em que as tropas estão reciprocamente empenhadas em não disparar. Depois houve pequenos incidentes aqui e ali. Havia os deslocados no corredor da Beira, ou nos campos de refugiados, mas que ainda não podiam regressar às suas terras.

Esses dois anos dão a possibilidade à comunidade internacional de identificar, exactamente, a quantidade das necessidades: Fazer um censo dos refugiados, saber onde estavam e de onde vinham, fazer um mapa das possibilidades dum regresso às zonas de origem. Isso foi um dos pilares da política depois do Acordo de Paz, permitiu o regresso às zonas de origem das pessoas que tinham sido afectadas. Falamos de 6 milhões de pessoas.

Depois, a segunda questão era que durante esse período houve tempo suficiente para as duas partes se conhecerem melhor, portanto, chegar aos detalhes do compromisso que pudesse ser interessante para todos. Aqui houve uma jogada de xadrez muito interessante, porque há quem ganhou, há quem perdeu. O importante é que se chegou à paz. Portanto, foram dois anos em que eu estava na Cooperação Italiana. Estávamos concentrados em duas questões: ajuda de emergência e ajuda à construção do processo de paz que incluía muitas coisas, sobretudo, por exemplo, permitir às duas partes de falarem numa situação de igualdade. Isso quer dizer que, de facto, uma das partes estaria em piores condições. Portanto, a Cooperação Italiana também teve de fazer acções que permitissem às pessoas serem confiantes, se auto valorizarem e serem capazes de dialogar e poderem assegurar a sobrevivência das suas populações. Portanto, o quadro era muito complicado.

Obviamente, a ideia não era *sui generis*, porém como as conversações estavam se desenvolvendo em Roma, de facto, o governo italiano encontrou-se numa situação de tomar a liderança desse processo.

P: Dois casos: a Secretaria de Estado da Cooperação faz um grande investimento da Itália na África Austral naquele período. Tem a Barragem de Corumana, dos Pequenos Libombos, etc. e as questões religiosas, portanto a ligação com Mateo Zuppi³².

³² Dom Matteo Maria Zuppi (Roma, Itália 11 de Outubro de 1950), é um padre católico italiano da Comunidade de Sant' Egidio, actualmente arcebispo da arquidiocese de Bolonha.

TC: Sim, mas penso que há outras pessoas muito mais qualificadas do que eu, para falar sobre isso. De facto, o papel fundamental foi jogado pelas igrejas e foram no sentido que...

P: A questão é por que a Itália tomou essa liderança? Claro que estava já a liderar o processo de paz da negociação, mas também havia uma relação já antiga...

TC: Nesse caso, a Itália foi a reboque do Vaticano, porque tudo começa com Dom Jaime Gonçalves³³ que em 1983 lança o apelo internacional para a paz. Em '84, quando há o Acordo de Nkomati consegue encontrar-se com alguém da Renamo que ele nem conhecia, em Roma, perto da minha casa, num convento de freiras, em segredo. Aí começam os primeiros contactos, facilitados por alguns operadores económicos italianos que trabalhavam no sector da madeira nas Províncias de Manica e Sofala. A partir daí começam os contactos. Dhlakama³⁴ queria negociar já em '84, numa posição de força. Depois houve o assalto à casa Banana e então, aí as coisas pioraram, chegou-se ao ponto em que as partes já não conseguiam falar.

De facto, a Renamo ficou muito surpreendida com o abate do avião do Presidente Samora, porque eles sempre diziam que não sabiam e que foram tomados de surpresa. Eu acredito que tenham razão. Foi uma coisa que aconteceu de forma inesperada. O que acontece é que, como me parece, começam depois, as primeiras negociações, imediatamente, depois da morte de Samora, no Malawi. Curiosamente, Dhlakama tem muita confiança em Mugabe³⁵. Aliás, chega a ser amigo de Mugabe, porque falavam a mesma língua e se sente garantido pelo Zimbabwe. Porém, de facto, não se chega a nada de concreto.

Proporcionar um lugar neutro de encontro que era a Comunidade Sant'Egídio foi uma jogada fundamental. Não era directamente o Vaticano, mas era uma igreja em Roma e como igreja goza direito de extraterritorialidade. Portanto não é Itália, mas está em Itália. Então encontraram um consenso e aí começaram as coisas.

P: O que estou a querer salientar aqui é que da parte dos governos ocidentais que colaboravam com Moçambique, naquela altura, há de facto um grande engajamento italiano que vem na sequência da cooperação que estivemos a falar. A coincidência entre os contactos religiosos e o facto de é um governo que teve a participação do movimento socialista, na altura, com Mário Raffaelli³⁶, há ali uma disponibilidade governamental para apoiar Moçambique, não só às negociações.

³³ **Dom Jaime Gonçalves**, (Nova Sofala, 26 de Novembro de 1938 - 6 de Abril de 2016) arcebispo Emérito da Beira, Depois dos estudos primários ingressou no Seminário de Zóbué, em Tete. Posteriormente frequentou os Seminários Maiores de Namaacha e Malhangalene, em Maputo, onde estudou filosofia e teologia. Trabalhou pela paz em Moçambique, em nome da Conferência Episcopal de Moçambique e do Vaticano, de 1985 a 1992.

³⁴ **Afonso Macacho Marceta Dhlakama** (Mangunda, Sofala, 1 de Janeiro de 1953 – Gorongosa 3 de Maio de 2018) foi um político e militar líder da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), o principal partido político da oposição em Moçambique. Dirigiu uma guerra por procuração da Rodésia e da África do Sul que se tornou numa Guerra Civil e que durou 16 anos, antes de assinar um acordo de paz e se tornar um partido político de oposição no início dos anos 1990.

³⁵ **Robert Gabriel Mugabe** (Kutama, Harare, 21 de Fevereiro de 1924) é o actual Presidente do Zimbabwe. Lidera o país desde 1980, primeiro como primeiro-ministro e, desde 1986, como Presidente com poderes executivos. Participou no movimento de libertação de Joshua Nkomo, a ZAPU, em 1960 e três anos mais tarde funda a União Nacional Africana do Zimbábue - Frente Patriótica (ZANU-PF). É preso em 1964 devido às suas actividades políticas, sendo libertado em 1974, altura em que parte para Moçambique, onde lidera uma guerrilha que se opõe ao Governo de minoria branca de Ian Smith. Torna-se primeiro-ministro da ex-Rodésia (já depois do fim do Governo liderado por Ian Smith) em 1980, ao vencer as primeiras eleições democráticas. Em Abril do mesmo ano, é declarada a independência do país que passou a ser designado por Zimbábue.

³⁶ **Mario Raffaelli** (Trento, 15 de Maio, 1946) é um político italiano, membro do Partido Socialista Italiano. Entre 1990 e 1992 representou o Governo italiano nas negociações que levaram ao Acordo Geral de Paz entre o Governo de Moçambique e a Renamo.

TC: O facto é que as negociações começam em Roma sem que o governo italiano tenha puxado por isso. É verdade que também o governo italiano tinha participado activamente na procura de uma solução política através, por exemplo, uma coisa que me esqueci, do próprio Presidente da República italiana, Cossiga.³⁷ Esteve em visita a Moçambique em '89, logo depois da vinda do Papa João Paulo II. Portanto, havia já uma intenção do governo italiano de sustentar a acção do Vaticano em termos políticos. Isso já existia, de facto.

Depois, havia sem dúvida, o interesse de proteger, os investimentos feitos nas infraestruturas, porque o governo italiano tinha acabado de investir centenas de milhões de dólares nas duas barragens de Corumana e de Pequenos Libombos, nas estradas de Goba, estrada de Boane, na electrificação de Moçambique, na construção da linha de Cahora Bassa para África do Sul. São todos investimentos italianos. As centrais telefónicas, recuperação das ferrovias, de Chicualacuala, da ferrovia para a África do Sul, para a Suazilândia. Havia uma série de investimentos feitos.

De facto, a Cooperação Italiana tinha investido no país quase o mesmo, ou superior que na Etiópia, nos últimos 30-40 anos. Portanto, havia um interesse estratégico, de facto, que era a diversificação das fontes de aprovisionamento de energia. Já se sabia, desde os anos 80 que o país estava cheio de gás a partir de Temane. O campo de Temane foi aberto antes da independência. Também já se conhecia a existência do campo de gás em Cabo Delgado. A ENI já tinha feito estudos e tinha encontrado os estudos feitos pela Shell, em Cabo Delgado. Portanto, havia todo o interesse em ter um relacionamento positivo com o país que saía do colonialismo e que podia ser uma alternativa à política de diversificação das fontes de aprovisionamento energético.

P: Estava a falar da conferência do apoio a Moçambique e Angola. Tiziano estava no Ministério para fazer um plano...

TC: Eu fiz tudo aquilo que servisse para alocação de fundos de emergência. Tivemos que inventar dois fundos de emergência: Um fundo de emergência para as pessoas que eram objecto dos apelos internacionais. Depois, tivemos que inventar um outro fundo de emergência que foi inventado por mim, para as pessoas residentes em áreas não alcançáveis pelo governo, o que significava ter um fundo para dar de comer a pessoas que estavam a morrer de fome nas zonas controladas pela Renamo, onde as agências governamentais não podiam ir. Aí foi tudo muito divertido, tivemos que inventar como chegar a uma zona de guerra, onde havia milhões de pessoas controladas pela Renamo, sem ter que fazer as coisas oficialmente. Então, aí, encontrámos grande disponibilidade das pessoas, porque, evidentemente, se não for o governo, deve haver outra entidade a distribuir o arroz, o leite em pó. Então, as fontes alternativas de distribuição foram, fundamentalmente, a partir das missões. Outra coisa: Falando de soldados, havia soldados com fardas e soldados que nem trapos tinham.

A coisa mais interessante e foi uma experiência que me marcou bastante: Antes da conferência, a última dificuldade política era a definição da estrutura do Estado, era

³⁷ **Francesco Maurizio Cossiga** (26 de Julho de 1928 - 17 de Agosto de 2010) foi um político italiano. Membro do Partido Democrata Cristão da Itália, foi primeiro-ministro da Itália de 1979 a 1980 e presidente da Itália de 1985 a 1992. Cossiga é amplamente considerado um dos políticos mais proeminentes e influentes da Primeira República.

um elemento de discussão entre a Frelimo e a Renamo. Sobretudo a Renamo, tinha umas pessoas sul-africanas que insistiam muito em defender uma Constituição do tipo presidencial e isso estava perfeitamente de acordo com a Frelimo. Portanto, o problema fundamental era que a Renamo desconfiava que com o modelo muito centralizado nas mãos do Chefes de Estado, quem ganhasse as eleições, ganharia tudo e o outro ficaria de fora, a pedir esmola. Então, não queria ceder sobre esse ponto e as discussões estavam um pouco trancadas. Isso era um aspecto.

O segundo aspecto era muito prático, era como organizar a distribuição da ajuda. Então, para resolver esse problema fui chamado e outros 3 colegas meus, pelo Embaixador Incisa de Camerana³⁸, penso que foi em Julho de '92, fazia frio, de facto, era o período seco em Moçambique, para fazer um esboço do plano de apoio à desmobilização e reintegração no território dos refugiados que depois serviu como documento técnico, de guião, para a conferência de Roma. Foi elaborado por mim e outras pessoas.

Então, estivemos aqui, tivemos vários encontros, havia um médico, um perito em processos industriais, engenheiro industrial e um perito de formação. O embaixador disse: "Querem dar um passeio aí pelo mato?" Eu disse: "Vamos!" Ele saiu, com gravata e tudo, meteu-nos num avião e o avião saiu. "Para onde vamos?" "Vamos, depois vão ver!" Chegámos ao meio do mato, havia à noite uma pista iluminada com duas linhas de fogueiras. Era perto de Maringué, um pouco mais para a costa. Então, aterrámos lá e apagaram todas fogueiras.

Depois soubemos que ele nem tinha avisado o governo, nem ninguém. Fomos até sem comunicar ao nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros. Quando chegámos lá, não havia ninguém, só 3 ou 4 camponeses vestidos de trapos, com AK 47³⁹ que prendiam nas costas, magros. Fomos acompanhados para dentro do mato e chegam 4 pessoas em motorizadas. Eram as nossas motorizadas para a distribuição da ajuda de emergência que depois foram desviadas. Estavam aí 4 generais da Renamo todos magríssimos. Dhlakama era um deles, magríssimo, não dava para acreditar. Numa motorizada, com boina vermelha, eram as fardas que nós tínhamos acabado de comprar, porque um dos requisitos, dos pedidos era: "Nós não podemos ir para os campos de acomodação vestidos de trapos." Então, tivemos que comprar botas e fardas, era uma questão de dignidade. Tinham que sair com dignidade, não podiam sair descalços. De facto, demo-nos conta que era uma base muito grande, completamente invisível. Depois, fui atrás dum general desses de motorizada, saltando. Chegámos a um quartel que era uma palhota, sem fogueira nenhuma. "Não podemos fazer fogueira senão chegam os caças e podem bombardear." "Ok, perfeito." Tudo às escuras, escuridão total.

Era um período de seca, havia uma enorme seca em Moçambique, não havia nenhuma gota de água. Lembro-me que não bebi água, só bebi uma garrafa de whisky, porque

³⁸ **Manfredo Incisa da Camerana**, (Turim, 1936) Foi nomeado Embaixador de Itália em Maputo em 1990 tando acompanhado as negociações com a RENAMO até às primeiras eleições democráticas em 1994. Trabalhou desde 1987 no Departamento de Cooperação para o Desenvolvimento no Ministério das Relações Exteriores, trabalhou na Embaixada de Itália em Viena de 1983 a 1985, quando foi designado para representação em organizações internacionais, inclusive em Viena.

³⁹ **AK-47**, ou AK como é oficialmente conhecida, também conhecida como Kalashnikov, é uma arma de assalto de calibre 7,62x39mm criada em 1947 por Mikhail Kalashnikov e produzido na União Soviética pela indústria estatal IZH. É a arma de fogo originária da família de fuzis Kalashnikov (ou "AK")

o único lugar onde estavam a tirar água era um poço, com um buraco escavado no rio, de onde saía uma água de cor castanha. Então, eu digo: “Aquela água não vou beber.” Desconfiei da cor. Depois, no dia seguinte, fui verificar que tipo de água era e havia lá um rato morto. “Então, seguramente, não vou beber.” Essas eram as condições. Eu passei toda noite a falar com Dhlakama, a dizer-lhe como funcionava o sistema em Itália, das autarquias e dos governos regionais.

Disse: “Em Itália, por exemplo, temos o governo com a Democracia Cristã que é um governo de centro-direita, mas há regiões como a Região Emília e a Região Toscana, onde no governo está o Partido Comunista que não está no governo central. Talvez seja possível negociar com a Frelimo um programa de reconhecimento de poder às províncias. Então, ele convenceu-se depois de muito se falar, convenceu-se que era uma boa ideia propor uma estrutura do Estado baseada na autonomia provincial. O Hermenegildo Gamito⁴⁰ que era muito esperto, depois foi Ministro da Administração Estatal⁴¹, disse que sim, até pediu dinheiro ao Banco Mundial para um programa que depois nunca chegou a concretizar-se que na origem era, essencialmente, um programa que previa a constituição de governos provinciais dotados duma certa autonomia. Isso explica por que essa questão de autonomias dos governos provinciais é um cavalo de batalha da Renamo até agora, justamente porque é a única maneira para evitar a exclusão política duma qualquer oposição. É uma ideia que surgiu naquela noite.

P: Acompanhou o embaixador? Ele levava vocês para conversar com a Renamo ou qual era a ideia?

TC: Ele conversava também de outros assuntos, talvez mais importantes, de carácter militar. Porém, o assunto era convencer Dhlakama que era necessário fazer um acordo, que a Frelimo aceitasse o princípio de sair duma estrutura totalmente centralizada do Estado, como era na Constituição de 1990 e reconhecer autonomia aos governadores provinciais, através de uma série de leis que garantissem que isso fosse posto em prática. Isso é a ideia de fundo que não está escrito nos acordos de paz, porém, era a ideia que salvou de facto o acordo. As duas partes queriam chegar a um acordo, a situação no país era terrível, havia uma seca que não podem imaginar. O rio Save não tinha uma gota de água, o rio Zambeze tinha 50 metros de largura, podia-se passar a pé. Portanto, não havia condições de vida. Sobretudo as condições em que estavam os guerrilheiros da Renamo eram terríveis.

P: O avião foi vos buscar outra vez?

TC: Aconteceu uma coisa interessante, o avião quando chegou à pista – era uma pista improvisada de areia – furou o pneu de frente, quase capotou. Então, ficámos ali. Como tínhamos de voltar de alguma maneira, tínhamos um logístico connosco que teve uma ideia: foi a uma base militar, na motorizada com o general, onde havia a rádio que nós tínhamos fornecido. Tinha pedais como uma bicicleta que accionava um

⁴⁰ **Hermenegildo Maria Cepeda Gamito**, (Montepuez, 24 de Setembro de 1944) Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (1975) Foi Presidente do Conselho Constitucional e Membro do Conselho de Estado por inerência de funções (Maio de 2011); Deputado pela Bancada Parlamentar da Frelimo; Presidente da Comissão Ad Hoc para Revisão da Constituição da República; Membro da Comissão de Petições; Membro da Comissão Ad Hoc para a Revisão da Legislação Eleitoral e Presidente da Comissão Ad Hoc para a Revisão da Bandeira Nacional e Emblema da República (1994 – 2009).

⁴¹ Quem foi Ministro da Administração Estatal foi Alfredo Gamito, irmão de Hermenegildo Gamito.

dínamo para a rádio pode falar. Então esse rádio intercepta um avião que vai para a Beira e disse que estávamos ali num avião com um pneu furado e que precisávamos dum outro pneu. Então, no dia seguinte, chegou outro avião da mesma empresa a quem tínhamos alugado o nosso, com um pneu. Um outro piloto chega e muda-se o pneu. Só que quando chega esse avião, enterrou-se. Mas conseguimos levantar. Para mudar a roda da frente desse avião, tivemos que derrubar uma árvore, escavar, e pôr a árvore por baixo. Depois Dhlakama falou com umas 20 pessoas que ficaram em cima da árvore a fazer peso para levantar o avião e poder mudar a roda. Depois a coisa interessante, o próprio Presidente Dhlakama empurrou o avião, porque como era areia solta, a roda enterrava. Para subir, o avião não conseguia rodar. Finalmente, subimos, os dois aviões, mas estivemos quase para morrer. Tiveram que pôr os motores a trabalhar no máximo, os dois aviões, um atrás do outro. Depois os guerrilheiros da Renamo empurraram o avião, como se empurra um machimbombo, até que o avião subiu.

P: Não fizeram fotografias?

TC: Há algumas fotografias.

P: Eu já tinha tomado conhecimento pelo próprio Embaixador Incisa numa entrevista que nos deu que, de facto, tinha feito esse voo sem autorização. Naquela altura, uma empresa fazer um voo para uma zona da Renamo, naturalmente, deveria ter problemas políticos, não é?

TC: Penso que foi dito que íamos para Beira, depois desligaram aquela coisa. Só pode ser. Parece que houve alguém no governo que disse “Visto que o avião desapareceu, mandamos um míssil?” Sabiam que o Dhlakama estava lá. “Mandamos um míssil, assim acabamos com o problema.” “O avião já desapareceu, então quer o quê?”

P: Nesse período já fazia parte da Comissão de Reintegração?

TC: Não, a Comissão de Reintegração foi instituída depois da assinatura do acordo de Paz. Era uma subcomissão duma outra comissão.

P: Chamava-se CORE⁴². Está a falar da ONUMOZ⁴³, não é? As Nações Unidas puseram essa comissão a trabalhar na ONUMOZ.

TC: Nas comissões constituídas pelo Acordo de Paz havia uma comissão CORE, mas a comissão de reintegração era uma subcomissão duma comissão.

⁴² Em 4 de Novembro de 1992, o Representante Especial interino nomeou a Comissão de Supervisão e Acompanhamento (CSC). A CSC deveria garantir a implementação do Acordo, assumir a responsabilidade pela interpretação autêntica do mesmo, resolver quaisquer disputas que possam surgir entre as partes e orientar e coordenar as actividades das outras Comissões. Foi presidido pelas Nações Unidas e foi inicialmente composto por delegações do Governo e da RENAMO, com representantes da Itália (o Estado mediador), França, Portugal, Reino Unido, Estados Unidos (Estados observadores nas conversações de Roma) e da Organização da Unidade Africana (OUA). Em Dezembro de 1992, a Alemanha também se tornou membro da CSC. A CSC realizou sua primeira reunião em 4 de Novembro de 1992 e nomeou as principais comissões subsidiárias: a Comissão de Cessar-Fogo (CCF), a Comissão para a Reintegração de Pessoal Militar Desmobilizado (CORE) bem como a Comissão Mista para a Formação das Forças de Defesa de Moçambique (CCFADM)

⁴³ ONUMOZ - United Nations Operations in Mozambique (Operação das Nações Unidas em Moçambique) foi uma missão de paz da ONU em Moçambique estabelecida em Dezembro de 1992 nos termos da Resolução 797 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com a tarefa de monitorar a implementação do Acordo Geral de Paz entre o Presidente Moçambicano J. Chissano (FRELIMO) e Afonso Dhlakama da RENAMO.

P: Era da comissão do Cessar-fogo, mas também estava integrada na ONUMOZ como havia, dentro da ONUMOZ uma unidade técnica, havia a comissão de reintegração e havia a comissão das Nações Unidas para ajuda, como a FAO, etc.

TC: Fazia parte de uma das comissões previstas pelo Acordo de Paz, mas eram todas comissões bilaterais, portanto havia o Governo e a Renamo. Depois um terceiro que era um observador internacional. No Governo estava o Vice-ministro Oldemiro Baloi⁴⁴ que morreu. Pela parte da Renamo, era o Vicente, magrinho e na parte digamos internacional, era a Embaixada da Itália através do Primeiro-secretário que era o Roberto Vellano. Na época era Primeiro-secretário mas depois voltou cá como embaixador. Eu, como estava aqui no escritório da Cooperação, para coordenar os programas financiados pela Itália e por agências internacionais que tratavam do mesmo assunto, acompanhava o Vellano às reuniões. O nosso papel era mais de assegurar que falassem, pois quem tomava decisões eram as duas delegações. Mas depois tínhamos a possibilidade de implementar actividades concretas, manejar o dinheiro. Não tínhamos o papel de decisão, mas de orientação em como fazer melhor as coisas. Nós aproveitámos para fazer uma série de coisas que foram úteis para o país.

Aproveitámos o momento para pôr bases para o futuro. A filosofia que ganhou consenso depois, o que foi uma experiência interessante, era executar acções que levassem depois a uma consolidação do processo de desenvolvimento, mesmo na realização de intervenções de emergência. Portanto, foi naquele momento que se identificou um processo absolutamente novo da emergência ao desenvolvimento, assegurar a continuidade do processo.

A ajuda de emergência não deve servir para a continuação dum estado de emergência, mas sim para iniciar processos de desenvolvimento. Por isso é que entre os vários princípios de criar condições de vida sustentável, nos lugares de regresso dos refugiados, essa foi uma das linhas de pensamento que serviram para identificação de intervenções no território. Portanto, as intervenções eram concebidas para que a chegada de refugiados e retorno às terras de origem fossem preparadas, através da desminagem, da reconstrução das vias de acesso, rodovias, fornecimento de serviços essenciais de água e electricidade. Mas, ao mesmo tempo, utilizando as pessoas que voltavam, como instrumentos do desenvolvimento do próprio território.

Portanto, precisavam de equipamentos para o cultivo, meios de produção, sementes, tudo aquilo que era necessário ao início da produção. Ao mesmo tempo forneciam-se os serviços mínimos que garantissem assistência médica, comercialização dos produtos. Tratava-se de reiniciar a vida, onde a vida tinha sido destruída. Para fazer isso não se pode esquecer, evidentemente, de nenhum dos elementos que são fundamentais para a vida duma povoação, ou de uma zona. Não é uma coisa simples. A coisa importante era, porém, que as pessoas fossem os sujeitos activos desses processos. Portanto, nesse caso, a Cooperação não se devia limitar a fornecer implementos, mas também fornecer indicações de carácter técnico, de como se

⁴⁴ **Oldemiro Júlio Marques Balói** (Maputo, 9 de Abril de 1955 - Joanesburgo, 14 de Abril de 2021) Entre 1990 e 1999 fez parte do Governo de Moçambique tendo sido Vice-ministro da Cooperação entre 1990 e 1994. Entre 1995 a 1999 foi Vice-ministro da Indústria e Turismo. Depois foi administrador executivo do BIM. Em 2008 foi nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros.

utilizarem esses implementos, mas deixando que as coisas fossem feitas pelas próprias pessoas.

Eu, por exemplo, depois quando saí da Cooperação Italiana, fiquei como responsável no consórcio de energias internacionais. Dediquei-me à reconstrução de Morrumbala. Aí fizemos tudo, utilizando desmobilizados como deve ser. Quero dizer, havia 3 problemas ao mesmo tempo: havia os desmobilizados da Renamo, porque Morrumbala era uma zona controlada pela Renamo. Depois, ninguém os queria. Como eram da Renamo, eram de segunda categoria, não interessavam a ninguém.

Depois havia o problema das cidades destruídas, sem absolutamente nada e uma zona completamente arruinada pela presença de minas e outras coisas. Então, através da agência das Nações Unidas tratou-se da desminagem, mas como ONG, nós concebemos e realizámos um programa grande de formação em trabalho, em que utilizámos centenas de ex-guerrilheiros da Renamo que na vida anterior tinham sido crianças raptadas, ou camponeses que não sabiam falar português. Ensinámos, fazendo, através de técnicos italianos e técnicos moçambicanos, a serem pedreiros, carpinteiros, electricistas, etc. Portanto, cursos, estaleiros e escola, com todos os problemas que isso trás e as pessoas eram organizadas em equipas de trabalho e recebiam dinheiro pelo seu trabalho, não era de graça. Trabalhavam, recebiam dinheiro e aprendiam a fazer alguma coisa. Depois de um ano de actividade, tínhamos a escola reconstruída, a estrada reconstruída, pessoas formadas. Naquele ano, as pessoas aprenderam a falar, pelo menos, o português e a ter uma profissão.

P: Esse processo de desmobilização e reintegração era uniforme em todo País?

TC: Esse era o esquema que quase todos os italianos utilizaram. A ideia era uma filosofia de fundo, da Cooperação Italiana, na concepção do processo. Havia dois tipos de reintegração: reintegração da população significa criar condições no local e sobretudo condições para produção e escoamento de produtos. É muito importante esse aspecto, a reconstituição da rede de produção, de comercialização e de serviços no local.

A questão dos desmobilizados de guerra era um pouco mais complicada. Foi resolvida apoiando as pessoas a obter uma qualificação técnica, uma profissão. Aí foi necessário identificar dois tipos de programa: programas para o soldado comum que muitas vezes era analfabeto. Utilizámos o sistema de trabalhos comunitários, ou de estaleiros de formação que permitiam também recuperar estruturas sociais, como hospitais, escolas, estradas, etc. Até dando a eles o sentido de atribuir importância àquilo que faziam. Sabiam que estavam a aprender, estavam sendo utilizados a fazer coisas úteis para eles próprios.

Mas outro assunto ainda era a questão dos oficiais que tinham outro tipo de ambição. Aí, tivemos que montar um sistema de promoção de pequenas e médias empresas onde a filosofia era financiar empresas com, pelo menos, dois indivíduos, onde deviam estar oficiais da Renamo e do Governo na mesma empresa. Senão, não podiam ter financiamento. Funcionou. Abrimos padarias aqui em Maputo, uma sala de jogos, várias iniciativas comerciais que significaram constituir uma empresa, ir ao notário, saber conviver.

Depois, de tantos anos de guerra, havia vontade de conviver. Havia mesma vontade de superar o conflito entre as duas partes. Agora, é claro, que isso funcionou até certo ponto. Havia, talvez, uma expectativa do lado da Renamo duma integração maior no exército, nos órgãos do Estado. Mas este é outro assunto, mais político. As pessoas já estavam cansadas da guerra.

P: A integração funcionou ao nível da base e não funcionou tanto ao nível do topo?

TC: Isso tem sido também um aspecto importante. Nós inventámos o Instituto Nacional de Trabalho que foi constituído mesmo em 1991, debaixo do Ministério de Trabalho. Esses Centros de Formação Profissionais que existem ao nível provincial foram criados e constituídos com apoio financeiro da Cooperação Italiana que apoiou o Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional. Iniciou-se com a construção de 10 delegações provinciais. Algumas foram apoiadas directamente pela Cooperação Italiana, outras indirectamente, através de financiamentos dados à OIM⁴⁵ e à COSV⁴⁶ e outras ONGs italianas. Conseguimos constituir esse Instituto que foi uma aposta bem ganha, porque actualmente é um dos instrumentos fundamentais do Governo na política de promoção de emprego.

P: Falando nesse contexto, falou agora da COSV. Também fez parte da INTERSOS?

TC: A INTERSOS nasce como uma ONG, presente nas situações de transição de emergência para a reconstrução. Chega até à reconstrução e está presente em zonas de guerra. Eu até trabalhei para a INTERSOS, mas a perspectiva de ser um dirigente na INTERSOS era estar sempre atrás das guerras. Eu, francamente, se posso evitar, evito. Então, deixei.

P: Mas nesse contexto, não teve algum trabalho de campo em algumas zonas do país? Como é que foi a experiência?

TC: Não! O trabalho na INTERSOS estava concentrado na Zambézia, em particular, nos distritos de Morrumbala, Mopeia e Mocuba, onde, fundamentalmente, fizemos grandes trabalhos de utilização extensiva de mão-de-obra que era trabalho cívico de reconstrução. Quilómetros de estradas, dezenas de poços, umas quantas centenas de escolas.

A coisa mais divertida que eu fiz aí, foi a transformação de um quartel numa escola, porque em Morrumbala existia um quartel abandonado e ninguém sabia o que fazer. Então, nem sei como consegui convencer o Vice-Ministro da Educação, senhor Zeferino Martins, em negociar com o Ministro da Defesa que talvez fosse Aguiar Mazula. Foi uma coisa complicadíssima transferir a nível do património do Estado o quartel ao Ministério da Educação e Cultura, de maneira que pudesse ser transformado numa escola profissional. O quartel estava em ruínas, nós tínhamos oitenta pessoas que deviam aprender a ser pedreiros e carpinteiros. Então, digo: “Não

⁴⁵ OIM – Organização Internacional para as Migrações

⁴⁶ COSV - *Comitato di Coordinamento delle Organizzazioni per Il Servizio Volontario* é uma organização voluntária, sem fins lucrativos, envolvida na solidariedade internacional desde 1968. Durante esses anos, a COSV e seus voluntários implementaram projectos em África, América Latina, Ásia e Europa. O COSV é formado por centenas de pessoas que participam de forma diferente em todas as suas actividades: membros, voluntários e supervisores de campo, consultores, parceiros, equipas de trabalho, amigos que apoiam as actividades na Itália e pessoas que endossam projectos específicos. O COSV não adere a nenhum partido político ou grupo específico; não está sob o controle do Governo.

tenho escola, vamos fazer um instituto de formação profissional” mas a burocracia era esta: não se podia fazer, porque mesmo em ruínas era um quartel abandonado pelo próprio exército português. Então, pertencia ao Ministério da Defesa. Mas foi incrível, consegui levar o Vice-Ministro lá, numa estrada cheia de covas, em que ele batia continuamente com a cabeça no tejadilho, penso que ainda se lembra. uma viagem numa estrada impossível de Quelimane a Morrumbala, ele e a coitada da Directora Provincial da Educação. Depois chegámos a Morrumbala e não havia luz. O único lugar que havia luz era o nosso campo, porque tínhamos um gerador.

Aqui havia uma coisa interessante: Morrumbala tinha um alto número de acidentes nocturnos de bicicleta, porque a estrada principal, na época, era uma estrada de terra, não havia iluminação. Então, a gente andava à noite de bicicleta. Muitas vezes havia acidentes frontais, onde as cabeças chocavam e os dois iam parar ao hospital. Havia um grande número de acidentes com cabeças partidas porque à noite havia choque entre bicicletas.

P: Está em Moçambique há muito tempo já, acredito que tenha vivenciado muitos acontecimentos...

TC: De forma permanente desde '95. Porém, em '93 estive seis meses, em '94 seis meses. Podemos contar como se fosse desde '93, praticamente,

P: Qual é o momento mais marcante que viveu em Moçambique que tem na memória?

TC: Bem, a história do avião... porém isso é antes de 93. Nesse avião estávamos para morrer, o avião estava para cair. Então, aí foi interessante ver a reacção das pessoas, porque o avião estava a cair mesmo, não tinha velocidade suficiente para se sustentar. Então, começou a tocar o alarme, ouvia-se "bi, bi, bi,bi..." Foi interessante ver a reacção dos meus colegas, porque nunca tinha visto. Um médico que estava seco, instantaneamente ficou completamente coberto de suor e penso que produziu, em dois segundos, dois litros de suor, pela tensão. Outro ficou completamente com os olhos petrificados e um terceiro gritava. Só durou cinco segundos. Quando o avião começou a subir, então, o piloto que era um português, desses pilotos altos, fortes, com olhos azuis, estava tão tenso e tão contente de ter conseguido subir o Cessan que fez um *looping*. Disse: “Desculpem, tinha que fazer isso, porque é tradição da aviação. Quando se supera uma coisa, faz-se o *looping* para festejar”.

P: Será que mais outras organizações ou pessoas italianas fizeram o mesmo trabalho que o Tiziano?

TC: A Cooperação Italiana é uma agência governamental e, fundamentalmente, age com um fim. Pode fazer coisas directamente, mas, fundamentalmente, é uma agência financiadora que dá dinheiro, por exemplo a ONGs para fazer essas coisas. No período intermédio entre o cessar-fogo e a paz havia uma situação em que o governo não controlava algumas áreas, porque eram controladas pela RENAMO. Portanto, a questão era como chegar aí? Evidentemente podia-se chegar através de agências do Governo, mas tinha que se encontrar alternativas. Havia, portanto, todo um sistema que se criou de tráfego de fronteira, havia a possibilidade de concentrar as ajudas

materiais em certos lugares, onde depois eram recolhidos, por quem vinha de dentro, com a garantia que não fossem apanhados. Agora, nisso foram de ajuda as pessoas que viviam nessas zonas. Como digo nesse caso, as Missões foram importantes.

P: Há dois períodos. Há um período já no final da guerra em que as Nações Unidas e a Comunidade Internacional pedem ao Governo para fazer ajuda humanitária directamente. Daí os aviões deixarem cair os alimentos. Essa que está a falar é um pouco diferente.

TC: Sim! Esse período de facto terminou em '92 que é um período que se tinham as duas partes congeladas e ainda as pessoas não tinham regressado. Havia uma grande concentração. As Nações Unidas estiveram a concentrar-se, apesar de tudo, nas populações em que era baixo o controlo do Governo: No corredor da Beira, onde havia não sei quantas pessoas, ou nos campos dos refugiados. Mas também havia zonas no interior, onde continuavam a viver pessoas, mas que corriam o risco de serem abandonadas por todos, pelo simples facto de que não eram acessíveis. Então, aí tivemos que encontrar sistemas alternativos para chegar lá. Sistema alternativo pode ser um missionário, um comerciante, alguém que anda de bicicleta.

P: Como é que foi o período como assistente de professor, uma vez que Moçambique tem como língua oficial o português e o Tiziano já tinha esse problema com o português. Como é que interagia com os seus estudantes?

TC: Tinha que ser português mal falado. Não havia alternativa. A questão não é de ser mal falado. Depende do nível de cansaço. Para falar bem português, como não é a minha língua materna, devo ter um nível alto de atenção. Então, se fico cansado, automaticamente, já me esqueço de tudo, mas é normal, porque não é imediato. Porém, pode haver situações cómicas.

P: A sua vida pessoal tem alguma ligação com Moçambique?

TC: Bem, sim! Cheguei casado, tive duas filhas, em que uma, casualmente, nasceu em Itália, mas estávamos aqui e a segunda nasceu na África do Sul. Depois separei-me, casei-me uma segunda vez, tive mais uma filha que agora está na Itália, já são três! Depois separei-me de novo. Agora estou na terceira mulher. Três mulheres já chegam.

P: Já alguma vez perguntou a si próprio se quer pedir a nacionalidade moçambicana?

TC: Eu pedi a nacionalidade moçambicana. Está, porém, dormente o pedido em algum lugar do Ministério do Interior, porque penso que pedi em 2013... É a burocracia. Eu meti, porque já tinham passado dez anos que era o mínimo, mas agora vou ver.